

MARÉ

DE NOTÍCIAS

FOTOS GABI LINO

ONDE ESTÁ O AMOR NA MARÉ?



ACESSE O SITE



MÊS DO ORGULHO | DADOS MOSTRAM O PERFIL DAS PESSOAS BISSEXUAIS E FAVELADAS NO RJ.
- PÁGINA 5

MARÉ É BAIRRO | O PAPEL DA CULTURA NA CONSTRUÇÃO E RESISTÊNCIA COMUNITÁRIA.
- PÁGINA 9 E 10

EDITORIAL

O rapper Mano Brown disse em entrevistas que ficou anos sem poder falar de amor em suas letras. "Aquele louco que não pode errar", tinha muitas violações, racismo, fome e morte na periferia para denunciar e, nessas horas, o amor precisa ficar para depois.

Para pessoas negras, o amor foi muitas vezes encarado como uma fraqueza, uma abertura perigosa para o sofrimento. A autora bell hooks defende que o amor é uma ferramenta de transformação social e, falar sobre ele, é parte da cura para pessoas que foram historicamente desumanizadas.

Eu concordo que há dias em que o amor até parece algo distante e impossível para nós. As famílias pretas demoraram décadas até ter uma representação positiva na TV brasileira. Os homens negros interpretados como duros, violentos, infiéis e que não sabem amar. As mulheres: naturalmente sedutoras, "destruidoras de lares", amantes da noite.

A desumanização do corpo e afeto pretos, é parte do que justifica 15 operações policiais nos primeiros cinco meses de 2024 na Maré. O amor floresce melhor quando há paz, respiro, tempo para si, para o outro/outra e para o diálogo.

Em meio ao estresse, crianças sem aulas, unidades de saúde fechadas, carros blindados, moradores sem poder sair para trabalhar, invasões de casas e outras violações, a gente se pergunta mesmo onde está o amor?

Tanto bell hooks quanto Mano Brown concordam que falar sobre o amor é um ato político, e é por isso que em junho estamos aqui.

TARGIFOR | DICA DE SAÚDE

COMO AUMENTAR A IMUNIDADE NO INVERNO E ENCARAR AS MUDANÇAS DE TEMPERATURA?



FOTO DOUGLAS LOPES

PARTICIPE DO GRUPO DE SUGESTÃO DE PAUTA DO MN



EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:



R. Sargento Silva Nunes, 1008A
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré

EDITOR EXECUTIVO E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Affonso Dalua

EDITORA
Ana Paula Lisboa

FOTOGRAFIA
Affonso Dalua
Gabi Lino
Francisco Valdean
Ratão Diniz
Patrick Marinho

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Andreza Paulo
Gabriel Horsth
Henrique Silva
Hélio Euclides
Lucas Feitoza

REVISÃO

Tatiana Lima

PROJETO GRÁFICO

Affonso Dalua

DIAGRAMAÇÃO

Affonso Dalua

IMPRESSÃO

Gráfica Tribuna

TIRAGEM

10 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FALE CONOSCO:

Email: maredenoticias@redesdamare.org.br

Whatsapp: +55 21 97271-9410

REDES SOCIAIS:

Twitter: @maredenoticias

Instagram: @maredenoticias

Facebook: fb.com/maredenoticias

REDAÇÃO MARÉ DE NOTÍCIAS

Rua Sargento Silva Nunes, 1008A

Nova Holanda – Maré

Telefone: +55 (21) 3104-3276

PATROCÍNIO:



APOIO:



REALIZAÇÃO:



ATENDIMENTO A LGBTQIAPN+ NOS SERVIÇOS PÚBLICOS DE SAÚDE

Formação e sensibilização dos profissionais de saúde é essencial

LUCAS FEITOZA

“Você sabe de algum lugar que tenha atendimento psicológico gratuito?”, pergunta **Matheus Henrique Lopes**, de 25 anos, morador da Baixa do Sapateiro. Homem trans, negro, cria da Nova Holanda, ele diz que “sente muito, o tempo todo”, e que a transfobia é uma realidade paralisante em sua vida. “O que eu posso fazer é só procurar ajuda”, afirma.

Há cinco anos Matheus começou a transição de gênero e, o primeiro acolhimento que teve, foi dos irmãos. Eles são 7, ao todo, cinco por parte da mãe e dois do pai. Matheus é o mais velho e conta que, pouco tempo depois do início da transição, os irmãos já estavam brigando na rua para que ele fosse respeitado.

Ele conta que a pergunta sobre o atendimento foi um pedido de ajuda devido a tantas situações que havia vivido e não sabia mais o que fazer. “Isso [transfobia] ocorre o tempo todo. É como uma música que a gente não acha mais graça e nem tem vontade de dançar”, lamenta.

Matheus explica que evita sair na rua por se sentir julgado pelas pessoas. Inclusive, ele já se sentiu assim até em unidades de saúde. “No começo da minha transição, isso acontecia direto em espaços de saúde, em clínicas da família. Eu usava o meu nome social, mas visivelmente, eu ainda não parecia ser um homem. Então, passavam pessoas na minha frente para serem atendidas, às vezes, pessoas que tinham acabado de chegar. Isso doía bastante, não que ainda não doa, mas é menos do que antes, entende?”.

Hoje, ele faz o acompanhamento no Hospital Universitário Pedro Ernesto (Hupe), em Vila Isabel, unidade que tem um ambulatório referência em transdiversidade. Há um ano sem dinheiro para continuar o tratamento, ele relata que isso está afetando sua autoestima. “Eu ter uma vagina não me incomoda, não ter renda para comprar um hormônio, isso sim me incomoda”.

MENOS ACESSO A SAÚDE

Muitos homens trans, assim como Matheus, acabam não usando as unidades de saúde por medo de sofrerem transfobia. Segundo dados do relatório *Violação dos direitos e episódios de violência contra pessoas LGBTQ+ de favelas 2023*, 49% das mulheres trans e travestis procuram as unidades públicas de saúde, enquanto o percentual de homens trans é de 40%.

O boletim também aponta relatos de transfobia por parte dos funcionários de clínicas da família, tanto em relação a homens trans, que precisavam de atendimento para ginecologia, quanto às mulheres trans, que procuravam atendimento para urologia.

Segundo o relatório, o Sistema Nacional de Regulação (SisReg), impede trans masculinos com nome e gênero retificados, ou seja, já corrigidos para o gênero que se identificam, deles fazerem exames “destinados às mulheres”. A pesquisa conta ainda que, outro motivo que leva homens trans a não acessarem as unidades básicas de saúde, é a falta de remédios usados para a hormonização.

Outro apontamento do relatório é em relação às redes de apoio criadas pelos próprios homens trans, com objetivo de trocar informações sobre hormonização e cuidados da saúde. O HUPE também tem grupos da população trans masculina e foi através de um desses grupos que conhecemos Matheus.

Para **Diana de Oliveira**, mestre em Ensino em Biociências e Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), um

FOTOS GABI LINO



atendimento humanizado é o primeiro passo para a garantia dos direitos sexuais. “É importante que toda a sociedade receba informações sobre as temáticas ligadas à saúde sexual e reprodutiva, seja através de iniciativas de educação em saúde, seja através de serviços de saúde que devem atender toda a sociedade de forma digna”, pontua.

INVISIBILIDADE NA SAÚDE PÚBLICA

Camila Felipe, de 26 anos, moradora da Vila do João, conta como é perceber que não há uma “saúde pública pensada para os nossos corpos, a sensação é de invisibilidade da população LGBT+”. A estudante de odontologia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), afirma que durante o curso, não é abordada a saúde da população LGBT+ nas aulas, há apenas “um seminário que falou sobre infecções sexualmente transmissíveis”.

Em relação ao atendimento recebido nas unidades públicas de saúde, Camila diz ser bem atendida e que respeitam a decisão dela de apenas ter consultas com ginecologistas mulheres. Porém, ressalta que sente falta de informações sobre prevenção contra infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).

“Nunca passei por uma situação de violência. Apesar de ser negligenciada

nos meus direitos em relação ao acesso a informação de prevenção quanto uma pessoa LGBT+.”

A estudante desenvolve um trabalho de acolhimento na coletiva *Resistência Lésbica* voltado às mulheres lésbicas e bissexuais. Ela explica que as meninas acolhidas são levadas para realizar consultas nas clínicas da família, um papel de acolhimento e acompanhamento que poderia ser feito pela família.

“Não tem como falar nesse assunto sem passar pela educação, a família tem um caminho a desbravar, pesquisar, sentir e dialogar”, opina.

COMBATE À LGBTFOBIA

A superintendente de Atenção Primária do Município do Rio de Janeiro, **Larissa Terrezo**, afirma que, havendo alguma situação de LGBTfobia, a orientação é que a pessoa vítima da violência, fale diretamente com a gerência ou diretoria da unidade.

“A Secretaria Municipal de Saúde e a Atenção Primária do município do Rio combatem toda e qualquer manifestação de preconceito. Então, há muito interesse em apurar todos esses casos. Denúncias também podem ser feitas para o canal de ouvidoria no

1746”, orienta.

A superintendente ainda destaca que, assim que são contratados para trabalharem em unidades básicas, os profissionais de saúde passam por uma formação de uma semana. Eles também têm acesso a cartilhas voltadas para o atendimento à população LGBTQIAPN+, que tem alta adesão. Entretanto, Larissa reconhece a dificuldade de alcançar os cerca de 20 mil profissionais da rede municipal.

“A gente tem que pensar, primeiramente, que essas pessoas se sintam confortáveis e sintam que a unidade de atenção primária é um espaço de acolhimento, e não mais um lugar onde elas vão sofrer qualquer tipo de violência”, pondera.

A superintendente também garante que as unidades de saúde estão abertas para conversa, e que os usuários podem propor ideias de temas para palestras e projetos, em que são atendidos.



CAMILA FELIPE



QUEM SÃO AS **PESSOAS BISEXUAIS** DAS **FAVELAS** DO RIO DE JANEIRO?

21% das pessoas LGBTQIAPN+ das favelas **são bissexuais.**



55% são **negras.**



Mulheres trans compõem a maioria das pessoas bissexuais.

♀♂	38%	Mulher trans/Travestis
♀	20%	Mulher Cisgênero
♂	16%	Homem Cisgênero
⚡	10%	Não binária
♂♀	9%	Homem Trans/Transmasculino
●	4%	Outro/a
⊖	2%	Agênero
○	1%	Nenhuma

Metade da população bissexual estudou até o **Ensino Médio.**

O índice é inferior ao registrado no Estado do Rio de Janeiro, que é de 67% dos habitantes.

O que fez as pessoas deixarem de estudar?

- 54%** Falta de tempo para estudar (teve que trabalhar ou cuidar de alguém);
- 25%** Não tinha recursos financeiros para estudar (passagens, alimentação, etc.);
- 13%** Expulsão da escola;
- 4%** Violências sofridas no âmbito escolar;
- 4%** Pandemia de COVID-19.

CONHEÇA A ORIGEM DOS DADOS

Os dados apresentados foram publicados no **1º Dossiê Anual do Observatório de Violências LGBTI+ em Favelas**, em 2023. Em parceria com o data_labe, o projeto do **Conexão G**, entrevistou cerca de 1.700 pessoas de mais de 90 favelas do Rio de Janeiro sobre temas como: **educação, saúde, segurança pública, emprego, moradia e cultura.**



Saiba mais sobre a pesquisa no **Maré Online**

ONDE ESTÁ O AMOR NA MARÉ

Nesta edição, contamos três histórias de amor que vão muito além do mês dos namorados

GABRIEL HORSTH E
HÉLIO EUCLIDES

// Se perguntar o que é o amor pra mim, não sei responder, não sei explicar”, é o que escreve Arlindo Cruz, um dos maiores poetas e sambistas do Brasil. Ainda assim, ele mesmo diz que, mesmo sem entender, o amor faz renascer e despertar.

Sem dúvida, o amor nos move, mas afinal: onde está o amor na Maré?

Neste Mês dos Namorados, o amor é pauta em tudo, ainda que a data tenha sido criada com intenção comercial. **Maria Mônica**, psicóloga que atua na Maré, explica como o amor é um conjunto de sentimentos que as pessoas vão nutrimo e alimentando diante das relações, que se constrói ao longo do tempo.

“Esse conjunto de sentimentos espelha o nosso pensamento e comportamento, que vão gerando ações que vamos tendo com outros, coisas e fenômenos. É preciso pensar que o amor tem que ter uma dosagem equilibrada, para ser algo saudável de sentir”, detalha a psicóloga.

O AMOR FAZ BEM E VENCE O MAL

Mais de dois mil quilômetros separam o Ceará do Rio de Janeiro, mas nem mesmo ela, a distância, foi páreo para o amor de **Luciano Aragão**, de 48 anos, e **Francisca Riane**, de 29 anos, moradores de Maracá. Uma temporada dela na casa da tia, na Maré, uniu o casal.

“Um dia, os parentes me trouxeram para tomar uma caipirinha no bar dele, que brincou comigo, mas eu não dei confiança. Depois todos fomos à igreja para uma noite nordestina. Em seguida, nos encontramos, conversamos e descobrimos que somos do signo de gêmeos. E assim, já estamos juntos há quatro anos”, conta Francisca.

O namoro começou em agosto de 2019, mas o retorno dela estava marcado para dezembro. O spoiler é que o amor venceu e ela ficou. Posteriormente, surgiu o desejo do casal de ter um filho, mas Francisca descobriu que teria dificuldades para engravidar.

“Tive fé que ela iria ficar boa e oferecemos doces para São Cosme e São Damião. Ela engravidou e, após dar a luz, ficou internada por um mês depois de uma eclampsia, eu era o único homem que dormia com a esposa. Ela se recuperou e teve alta bem no dia de

São Cosme e São Damião”, celebra Luciano.

Mesmo felizes, o casal teve outros empecilhos, como a diferença de idade de quase 10 anos, as diferenças étnicas, de times e a religião. “Ela é católica e eu candomblecista. Nos respeitamos, inclusive, já entrei na igreja dela representando José, pai de Jesus. Ainda há o preconceito sobre a idade, mas o amor vence o prejulgamento do mundo e supera até as doenças. Acredito que as semelhanças e diferenças nos uniram”, diz Luciano.

Francisca concorda e defende que quem ama, tem respeito e compreensão com o outro. “Todos temos defeitos, mas o amor supera isso. Pode ter mil barreiras, mas quem ama tem que se arriscar, pois só temos uma vida”.

“A DEFICIÊNCIA NÃO IMPEDE DE AMAR”

Marciana Maria Gomes, conhecida como Márcia, de 43 anos, sofre de artrite reumatoide crônica. **Sergio dos Santos**, de 38 anos, é autista. Apesar disso, as deficiências nunca atrapalharam seus sonhos. Quando se conheceram, através do Facebook, ele morava no Jardim Primavera, em Duque de Caxias, e ela em Vargem Grande. Há 9 anos, o casal decidiu viver junto na Vila do João.

Da união nasceu Heitor, que tam-



bém é autista. Esse fato fortaleceu ainda mais o casal. “O amor supera obstáculos e aceita as diferenças, quem ama é lutador por tudo aquilo que acredita. Eu sou feliz! A deficiência não impede de amar”, afirma Sergio.

Segundo ele, a vida a dois exige determinação, pois não pode ser uma aventura, é necessário ter o desejo de construir uma história e, assim, o amor é capaz de vencer qualquer barreira, deficiências ou crises financeiras.

Para Márcia, o preconceito, às vezes, é uma pedra no meio do caminho. “Para a sociedade somos um casal imperfeito, mas isso nos impulsiona para vivermos em conjunto, não deixando de colocar fermento no amor. É preciso ouvir o outro, especialmente na vida de um autista. Todo dia sentamos na mesa à tarde, tomamos um café e olhamos um para o outro, com a certeza que teremos momentos bons e ruins, mas sempre juntos”, diz ela.

TODA FORMA DE AMOR

E, a afirmação de que: no amor, “os opostos se atraem”? É verdade ou mito? No caso de **Vanessa Alves Lopes**, de 37 anos, e **Márcia Ferreira**, de 54 anos, moradoras da Nova Maré, é verdade. Na definição delas, Márcia é como o mar: expansiva e falante. Vanessa, por outro lado, é terra firme: introspectiva e direta.

Apesar das diferenças, ou talvez por causa delas, o amor entre elas floresce desde o início dos anos 2000. “A Vanessa me transformou. Tenho orgulho de ter uma mulher como ela”, se de-

clara Márcia, que a conheceu após sair de um relacionamento tóxico.

Esse tipo de relação pode ser resumida pelo desejo de controlar a outra pessoa, só pelo desejo de controlar, de tê-la apenas para si, e pode evoluir para relações abusivas e violentas. Críticas desmedidas, falta de apoio, culpabilização e frequentes crises de ciúmes, são sinais de alerta.

Muitas vezes, para a pessoa que está nesse tipo de relacionamento, ciúmes e controle são vistos como sinal de amor. A psicóloga Maria Mônica explica que: é necessário ter cuidado com tudo que é excesso, até mesmo no amor. “O amor que é bom”, enfatiza ela, “é o que nos faz sentir saudável, que nos faz bem e é recíproco. Esse amor que queremos sentir de novo e que é correspondido em ações, troca e compartilhamento”.

Para Márcia e Nêssa, como é carinhosamente chamada, a relação trouxe paz, tranquilidade e esperança. A diferença de idade e o preconceito da época foram barreiras no começo, e Márcia quase desistiu, por medo das críticas da família.

“Somos de uma época em que assumir um relacionamento entre duas mulheres era muito complicado, mas após 24 anos juntas, sigo olhando para ela com a mesma intensidade do início”, revela Nêssa.

Para o casal, a conquista de poder dizer: “ela é minha esposa”, tem um significado profundo. Elas contam que se apaixonaram após assistir o filme *Matrix* e, assim como na obra, demoraram para entender se estavam em um sonho ou acordadas, se a veracidade do amor era uma possibilidade real ou não.

Com o jeito descontraído de um casal de leoninas, Márcia admite que é ela quem domina a relação: “Eu sou mandona mesmo”. Nêssa expressa seu amor por meio de gestos como cartinhas de amor coladas na geladeira, ou na TV.

“Eu guardei todos os cartões musicais com declarações fofas, de uma época em que não existia WhatsApp”, revela Márcia, feliz com o amor que atravessa gerações, assumindo formas diferentes a cada tempo, mas sem nunca perder o encanto. Nêssa se declara para a amada e dá um conselho para as novas gerações:

“Escolham sempre o amor e vão sem medo, o equilíbrio é tudo”.



AS CASINHAS DA NOVA MARÉ

O conjunto é um dos mais recentes do território, mas já carrega muita história

HÉLIO EUCLIDES

O Conjunto Nova Maré foi criado em 1996, por meio de intervenção municipal, para assentar moradores que antes estavam no Parque Roquete Pinto e em outras favelas da região central da cidade.

Uma particularidade das Casinhas, como é conhecida, é a semelhança de estilo arquitetônico com o Conjunto Bento Ribeiro Dantas: construída com tijolos especiais, sem utilizar emboço ou tinta. A favela fica em um aterro feito com materiais derivados da construção da Linha Vermelha e é vizinha da Baixa do Sapateiro.

CONSTRUÇÃO COMUNITÁRIA

Desde a sua ocupação, o Conjunto Nova Maré teve a presença de instituições. No passado, possuía a Creche Municipal Professor Paulo Freire, que hoje se encontra dentro do terreno do Ciep Operário Vicente Mariano.

Outro fato importante foi a criação da cooperativa Coopjovem Maré, que por oito anos empregou moradores, em parceria com o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (Hospital do Fundão). O presidente da cooperativa era Amaro Domingues, que também foi fundador, em 1999, da Vila Olímpica da Maré.

Seu Amaro faleceu em julho de 2021, aos 88 anos, e em março de

2022, a vila olímpica passou a se chamar Vila Olímpica Municipal Seu Amaro, para homenageá-lo.

Amaro destacava também a importância da associação de moradores, que teve como primeira presidente Maria Clara Rodrigues da Silva, conhecida como Clarinha. O atual presidente, **Alexandre da Rocha**, declara o amor que tem às Casinhas.

“Tenho a sensação de orgulho de ser cria da Maré e quero muito ajudar minha comunidade. Por outro lado, sinto tristeza, pois queria fazer muitas coisas na favela e não consigo”, diz. Segundo ele, os grandes desafios do local são os problemas de esgoto e lixo.

CULTURA PRESENTE

Um marco da Nova Maré é abrigar o único espaço cultural da prefeitura dentro do território: a Arena Cultural Herbert Vianna. O local é administrado pela Redes da Maré e foi inaugurado como Lona Cultural em 25 de maio de 2005, com a apresentação do músico e vocalista da banda Paralamas do Sucesso, que dá nome ao equipamento.

A cultura também tem espaço lá com o Projeto Uerê, que há 25 anos trabalha com crianças e adolescentes da comunidade. **Liliane Maria de França**, coordenadora do projeto, declara afeto pelo local.

“Não me vejo sem trabalhar aqui! Acredito que foi uma boa escolha o

projeto ser nesta favela. Parte da população daqui, veio de debaixo de um viaduto para cá, numa remoção da favela do Coqueirinho. O projeto veio junto com eles e incentivamos os moradores a serem protagonistas e mudar a sua história”, conta.

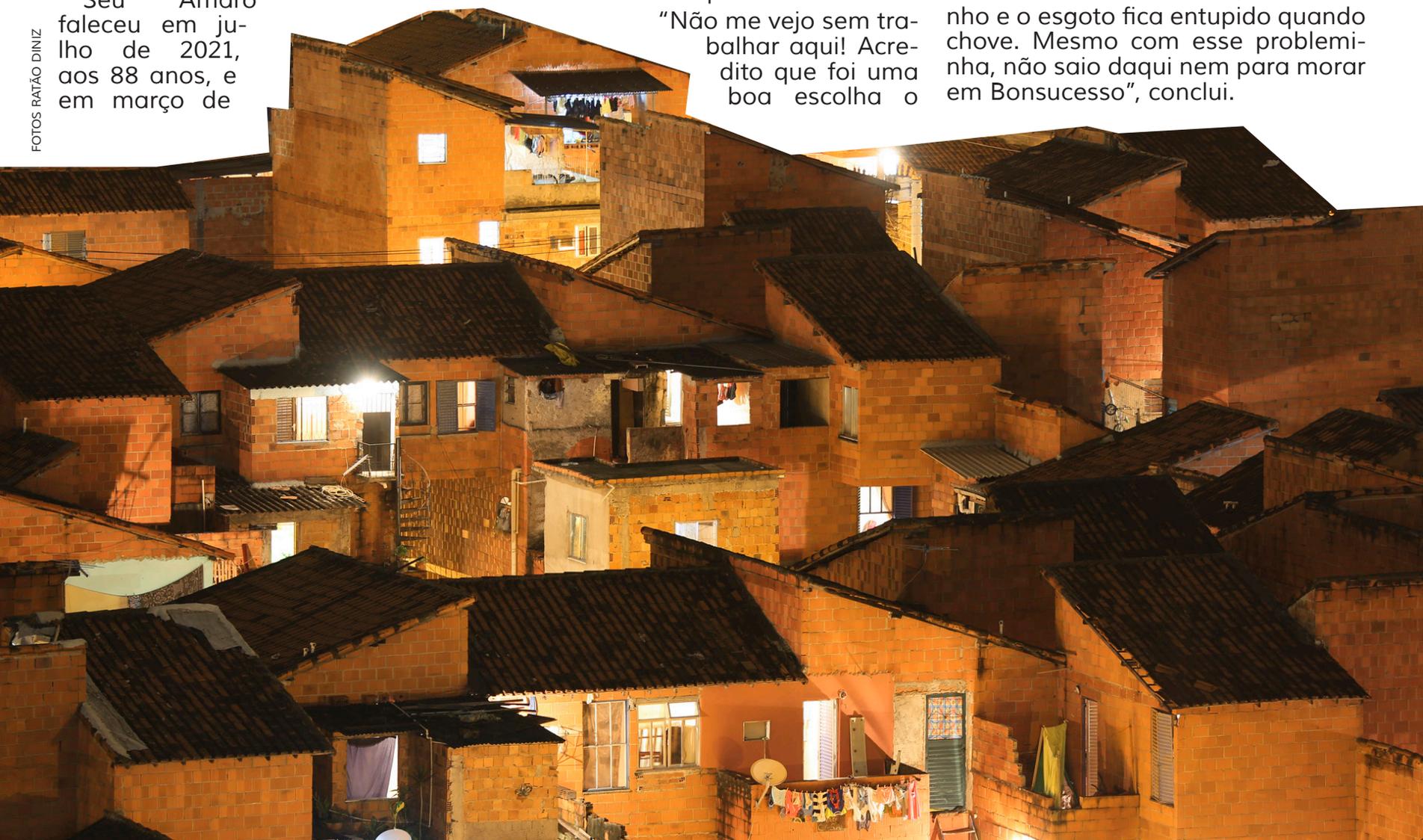
CRESCIMENTO

Quem lembra bem da trajetória da remoção das casas que ficavam em frente à estação de trem da Leopoldina, a favela do Coqueirinho, para a Maré, é **Eurides Alves**, de 66 anos, conhecida como Didi.

“Lá funcionava um projeto que era a Creche do Coqueirinho, que veio para cá junto com a gente e aqui recebeu o nome de Uerê. Eram 250 famílias que se dividiram: os casados com filhos vieram para as casinhas e os solteiros ou pessoas com apenas uma criança foram para o Salsa e Merengue. Tínhamos um sonho de ter uma casa, então, morar aqui foi algo que melhorou a minha vida e a dos meus quatro filhos.”

Segundo dona Didi, a promessa da Prefeitura, era cercar a área e formar um condomínio, mas não aconteceu. Hoje a arquitetura mudou, alguns moradores fizeram puxadinhos e os becos se estreitaram. Ela defende que a favela ainda precisa de melhorias nas questões do asfalto e do esgoto.

“As famílias aumentaram de tamanho e o esgoto fica entupido quando chove. Mesmo com esse problema, não saio daqui nem para morar em Bonsucesso”, conclui.



CADERNO DE CULTURA

A COLETIVIDADE DA CULTURA

Como a memória e a pluralidade cultural fortalece as comunidades e cria resistência contra a marginalização das favelas

HENRIQUE SILVA

O conjunto de favelas da Maré é conhecido pela diversidade cultural, desde os espaços de produção musical como a praça do forró no Parque União, os bailes funk, o samba, o rock, as rodas de rap, grupos de teatro, até a criação de polos gastronômicos em várias partes do território, que se tornaram referência até para quem não é morador.

Os cerca de 140 mil mareenses são parte fundamental da construção do bairro Maré e a principal fonte da pluralidade e efervescência cultural que existe no território.

CULTURA E FAVELA

A cultura, como um direito humano inalienável, é o tecido que une as diferentes facetas da humanidade, abrangendo não apenas as artes e tradições, mas também práticas cotidianas, rituais e narrativas que dão significados à vida das pessoas.

Nas comunidades periféricas a cultura é uma força vital que sustenta a identidade coletiva e fortalece laços comunitários. Reconhecer a cultura como um direito humano é afirmar a importância da diversidade e da inclusão, garantindo que todas as pessoas tenham a liberdade de expressar suas identidades culturais sem medo de discriminação ou repressão.

No entanto, moradores de favelas historicamente enfrentam a marginalização que, ao longo dos anos, atualiza um status de desumanização herdado do colonialismo com ra-

mificações até os dias de hoje. Manifestações culturais oriundas de espaços favelados são frequentemente categorizadas como ingênuas, exóticas ou a-culturadas sendo, inclusive, criminalizadas e historicamente proibidas.

Este ciclo de marginalização e desvalorização impede a plena apreciação de seu impacto e, até mesmo, do seu reconhecimento como cultura brasileira, e se naturaliza no senso comum. O cenário de marginalização contrasta fortemente com a rica contribuição cultural de muitos dos moradores da Maré.

UM LEGADO MARANHENSE

O Censo Maré (2019) aponta que 25,8% dos moradores são pessoas nascidas no Nordeste do Brasil. Os nordestinos que migraram para o Sudeste trouxeram uma vasta experiência sensorial, cultural e ancestral fundamentada nas vivências e corporalidades da região, chegando aqui com variados estilos de danças, música, gastronomia e costumes.

Um exemplo disso, está na história do **Mestre Teodoro Freire**, do Bumba Meu Boi do Maranhão, que na década de 1950 migrou para o Rio de Janeiro, fixando-se na favela da Baixa do Sapateiro. Na Maré, Mestre Teodoro fundou a *Sociedade Carioca do Folclore Maranhense*, que realizava festas na Rua Nova Jerusalém. Em uma entrevista para o jornal Tribuna de Imprensa, ele falou sobre sua trajetória e sobre a festa do Bumba Meu Boi.

“Instalei-me cá na Baixa do Sapateiro e co-



FOTOS RATÃO DINIZ

mecei a promover encontros com meus conterrâneos. Falava-lhes sempre da necessidade de fundarmos um grupo de folclore maranhense autêntico. Mas faltava tudo. Mas, pouco a pouco fomos aumentando em número. Eram maranhenses já com nosso endereço que aqui vinham chegando de navio ou pau-de-arara se instalando na favela”.

Os espetáculos do grupo do *Mestre Teodoro, Brasil Independente e Brilho da Sociedade*, ficaram conhecidos no Rio de Janeiro, e chamaram a atenção do escritor e também maranhense Ferreira Gullar, que o entrevistou e convidou para apresentar o Boi na recém criada Brasília, em 1961. Logo depois, mestre Teodoro se mudou para a capital, acomodando-se em Sobradinho, em 1962.

Até hoje, cerca de 24,3% das pessoas nascidas no Maranhão que vivem no território da Maré, são moradores da favela Baixa do Sapateiro, sendo essa a maior comunidade maranhense do conjunto.

“NO CARNAVAL EU VOU VOLTAR”

Outro ponto crucial para a pluralidade e força cultural do território, aconteceu a partir das remoções nas décadas de 1960 e 1970, como a favela do Esqueleto, Morro do Querosene, Praia do Pinto e Macedo Sobrinho. Grande parte desses moradores foram trazidos de forma compulsória para a Maré.

Essas pessoas removidas acabaram por perder, não apenas vínculos afetivos entre suas famílias e amigos, mas também fazeres culturais de características comunitárias, como o samba, o jongo, o Bumba meu boi e a Folia de Reis.

A folia de reis *Estrela do Oriente da Baixada* acolheu alguns dos moradores que participavam da folia de reis na Nova Holanda. Durante muitos anos, este grupo se esmerou em se apresentar na Maré, juntando-se aos poucos moradores que ainda faziam questão de participar ativamente do cortejo para manter a tradição viva, conforme mostra a matéria do jornal *O Globo*, de dezembro de 1977: *Na favela, a Folia de Reis alegria o Natal*.

“O palhaço Bonitinho, a maior atração da Folia de Reis Estrela do Oriente substituiu ontem para milhares de crianças da favela Nova Holanda, em Bonsucesso, a figura do Papai Noel.”

As remoções das favelas eram uma preocupação também para as agremiações de samba

da época, que tinham como componentes os moradores dessas favelas, assim, ao serem removidas, punham em risco os blocos e escolas.

Moradores como a porta-bandeira **Nilceia**, da Independentes do Leblon. Em entrevista para o *Jornal do Brasil*, em maio de 1969, após perder a casa no incêndio criminoso que destruiu a favela Praia do Pinto, ela declara:

“Nasci na favela e me criei na escola, agora, a favela acabou, e eu vim morar na escola com minha geladeira e minha televisão, que foram as únicas coisas que me sobraram. Mas, mesmo que eu vá para Cidade Alta, Cidade de Deus ou qualquer outro lugar, no carnaval eu vou voltar.”

COMUNIDADE PRODUZ CULTURA

As práticas culturais tiveram um papel fundamental na reconstrução das vidas que foram desestruturadas pelas remoções. A favela Nova Holanda, por exemplo, com apenas dois anos de fundação, já integrava os circuitos de samba do Rio de Janeiro e participava dos desfiles dos blocos carnavalescos pela cidade. Essa participação possibilitou a construção de novos laços de pertencimento e senso comunitário entre os moradores oriundos de diferentes favelas, conforme ilustrado no trecho da matéria do jornal *A Luta Democrática*, em 1964:

“O bloco Unidos de Nova Holanda, simpática agremiação de Bonsucesso, terá dia quinze, um domingo festivo, com a programação que foi organizada pela sua Ala da Bateria. Pela manhã, com início marcado para às 3 horas, haverá um torneio relâmpago de futebol. Às 14.30 horas, será servida uma peixada ao som do partido alto, e à noite será realizado mais um ensaio de bloco”.

Falar da cultura de um povo significa falar de memória(s), por isso, compreender que as favelas são parte integrante das dinâmicas da cidade, e que seus habitantes desempenham um papel vital na construção do espaço urbano e na vida social cotidiana, é fundamental para a formação de uma cidade mais inclusiva e justa.

Falar do bairro Maré significa recorrer a essa memória cultural, que construiu esse espaço e fez dele um território, uma comunidade.



ARRAIÁ DE FAVELA

Festas juninas colore as ruas da Maré e marcam a vida dos moradores de todas as gerações

ANDREZZA PAULO

Junho chegou, e com ele, a alegria contagiante das festas juninas, que celebram a cultura nordestina e a fé popular no território. O cheiro de canjica e pamonha se misturam ao som do forró, enquanto as bandeirinhas coloridas enfeitam as ruas das favelas da Maré. As festas juninas são símbolos da resistência cultural, da preservação das tradições e da união dos mareenses.

HISTÓRIA E GRANDIOSIDADE

Da mesma forma que acontece em grande parte do Brasil, as festas juninas na Maré estão intimamente ligadas à religiosidade católica, homenageando Santo Antônio, São João e São Pedro, celebrados nos dias 13, 24 e 29 de junho, respectivamente. No território, 47,2% dos moradores se declaram católicos, mas as celebrações ultrapassam as fronteiras religiosas e unem pessoas de diferentes crenças.

O Censo Maré (2019) aponta que mais de 25% dos atuais moradores nasceram na região nordeste do Brasil, onde as festas juninas são eventos grandiosos. O São João de Campina Grande, na Paraíba, considerado o maior do mundo, em 2024, acontecerá durante 33 dias seguidos e tem expectativa de público de mais de 3 milhões de pessoas.

A saudade da terra natal contribuiu para seimar e enraizar a tradição das festas juninas na Maré. São gerações de filhos, netos, vizinhos e entusiastas, que envolvem as ruas de alegria, gastronomia típica, quadrilhas, camisa xadrez, vestido caipira e muito forró.

TRADIÇÃO PARA AS CRIANÇAS

Para manter a cultura viva, é preciso começar pelos pequenos. Foi o que pensou **Jacqueline Souza**, professora de reforço escolar para crianças e moradora da Maré há 30 anos. "Eu queria que as crianças tivessem um tempo juntas, mas que isso fosse além do momento de aula, um momento em que pudessem se sentir livres, felizes e acolhidas".

Há mais de 8 anos o *Arraiá da Tia Jack* acontece na Nova Holanda, com decoração e brincadeiras voltadas exclusivamente para a experiência de meninos e meninas.

Em média, 80 crianças participam da festa, entre alunos, ex-alunos e outras crianças das ruas vizinhas. Jacqueline tem o apoio de mais sete pessoas na produção e, as famílias, também ajudam nos custos. Ela se diz contente com o alcance: "Algumas crianças, mesmo não fazendo parte do reforço, fazem questão de estar sempre participando das festas, porque é algo feito para elas", conta.

CASAMENTO DE VERDADE

O *Arraiá dos Amigos da C8*, na Vila dos Pinheiros, há 13 anos reúne moradores e amigos para celebrar a tradição nordestina. O que começou como uma pequena festa familiar, se tornou um evento grandioso, que em 2023 reuniu mais de 170 pessoas.

A idealizadora da festa, **Leticia Santos**, de 32 anos, relembra o início de tudo: "A princípio a festa era somente para a família, mas quando nos reuníamos dava em torno de 30 pessoas. Todo ano, vizinhos e amigos perguntavam se no ano seguinte poderiam participar e, como não sei dizer 'não', sempre aumentava a quantidade de pessoas", revela.

Ela conta que com o crescimento do evento, vieram também os desafios de produção, que é feita por apenas 12 pessoas e, é financiada com a contribuição dos moradores. "Preparar uma festa de rua para 170 pessoas não é nada fácil. Já montamos palcos com porta de guarda roupa, já fizemos barracas de caixote e bandeirinhas de tecido de sofá. Investimos em coisas que ficam para os anos seguintes, como tendas, tecido, decoração. O desafio era improvisar o máximo, chegar no dia do arraiá e ver que todo esforço valeu a pena", afirma.

Leticia também fala que, ao longo desses anos de produção, um momento se tornou mais que especial, um marco na vida dela.

"Todo ano fazemos um casamento na festa. Em 2021, eu casei na festa junina e no ano seguinte casamos no civil, depois de 12 anos de união. Estamos juntos o mesmo tempo de arraiá, então, o casamento de mentira no ano seguinte se tornou um casamento de verdade", conta.



